

373

EXERCÍCIOS SOBRE O VISÍVEL E O INVISÍVEL NO CINEMA MUDO: QUESTÕES PARA A FORMAÇÃO ESTÉTICA. *Ananda Vargas Hilgert, Fernanda Mirele Heberle, Lisandra Eick de Lima, Rosa Maria Bueno Fischer (orient.)* (UFRGS).

Este trabalho tem como base a discussão em torno da formação docente, a partir da experiência de estudantes de Pedagogia e de professores em formação, com o cinema. Tem-se como pressuposto o fato de que a experiência cinematográfica poderia propiciar a elaboração de pensamento, para além da simples interpretação de imagens ou da busca por possíveis significados escondidos nas seqüências narrativas. O recorte que faço neste estudo, como contribuição à pesquisa maior, concentra-se em algumas produções do cinema mudo. Nelas, em contato apenas com a imagem, na ausência quase total de diálogos, o espectador é convocado a criar um discurso interno, a fim de complementar os espaços vazios. Para que seja possível realizar um diálogo entre o exterior (imagem do filme) e o interior (discurso do espectador), faz-se necessário o trabalho de "sair de si mesmo", por meio da visão, e fechar-se criativamente sobre si, num exercício de aliança entre o olhar e o pensamento. Nosso estudo sustenta a importância de não separar exterioridade de interioridade, invisível de visível. Para tanto, utilizamos como base teórica principal as formulações de Marilena Chauí, sobre a filosofia do olhar; igualmente, no campo específico do cinema, valemos de estudiosos como Ismail Xavier, Alain Badiou e André Bazin. Selecionamos como material empírico três criações de Charles Chaplin: "O Garoto", "Luzes da Cidade" e "Em Busca do Ouro". Tal corpus de análise permitiu-nos avaliar a potência das narrativas construídas apenas de imagens e a correspondente exigência de envolvimento do espectador – elementos fundamentais para a formação estética de educadores, tema da pesquisa iniciada em 2008, e na qual este trabalho se insere. (Fapergs).